



Centro Universitário de Brasília  
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD

**RELAÇÕES DE PODER: A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO NA  
REPRESENTAÇÃO DE ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS EM  
REPORTAGENS DO *CORREIO BRAZILIENSE***

**Aurora da Silva Pereira\***

**RESUMO**

Este artigo resulta da análise de manchetes, subtítulos/antetítulos e imagens de duas reportagens publicadas no jornal *Correio Braziliense*, no início dos anos 2013 e 2015, sobre educação no Distrito Federal, com a finalidade de verificar a representação dos estudantes de escolas públicas na construção dos sentidos do jornal. O embasamento teórico e metodológico que deu suporte à pesquisa foi a Análise do Discurso Crítica (ADC), fundamentada principalmente nos estudos de Fairclough (2016). Foi possível observar, nos recortes analisados, a parcialidade do jornal no sentido de construir, manter e sustentar situações hegemônicas de poder mediante a construção de identidade social desfavorável aos/às estudantes das escolas públicas do Distrito Federal.

**Palavras-chave:** Identidade estudantil. Escola pública. Ideologia. *Correio Braziliense*.

---

\* Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Revisão de texto: gramática, linguagem e a construção/reconstrução do significado, sob orientação da Profa. Dra. Solange de Carvalho Lustosa.

## 1 INTRODUÇÃO

A intenção do presente estudo é conhecer e dar visibilidade à forma como o jornal *Correio Braziliense* tende a representar os/as estudantes matriculados/as em escolas públicas do Distrito Federal, mediante análise de manchetes, subtítulos/antetítulo e imagens. Esses elementos, além de servirem como estratégia de seleção de leitura de jornal, possibilitam a construção imediata de significados capazes de cristalizarem-se no imaginário dos/as leitores, uma vez que dialogam com o senso comum, com a cultura e com a prática social.

A principal questão que se pretende responder é: de que forma o jornal *Correio Braziliense* construiu a representação dos/as estudantes da escola pública do Distrito Federal nos recortes analisados? Os conhecimentos adquiridos no curso “Revisão de Textos: gramática, linguagem e construção/reconstrução do significado” serão aplicados no sentido de responder criticamente tal questão, mediante análise da construção dos textos tanto nos seus aspectos textuais quanto discursivos.

Os fundamentos desta pesquisa ancoram-se no modelo teórico e metodológico da Análise do Discurso Crítica, tendo como suporte o Quadro Tridimensional de Fairclough (2016) que contempla as análises do texto, da prática discursiva e da prática social. Do ponto de vista teórico, abordaremos os constructos ligados à construção da identidade e à ideologia. Para tal buscaremos suporte nos estudos de Almeida (2012), Bourdieu (2010), Da Silva (2009), Fairclough (2016), Hall (2011), Rocha (2012) e Thompson (2011), entre outros.

O trabalho foi estruturado em quatro tópicos, sendo este o primeiro. O segundo apresenta o *Jornal Correio Braziliense* e seu lugar de fala no contexto sociocultural do Distrito Federal. O terceiro traz uma breve definição de manchete, subtítulo/antetítulo, imagem e representação. Finalmente, o quarto tópico tem como foco a análise de duas matérias que tratam de estudantes de escolas pública e particular do Distrito Federal.

## 2 O JORNAL *CORREIO BRAZILIENSE*

As relações de poder estão diretamente relacionadas ao público consumidor do jornal. Neste particular, uma pergunta se coloca, qual é o público consumidor do jornal *Correio Braziliense*?

Empresa do grupo *Diários Associados*, o *Correio Braziliense* é o jornal de maior circulação na Região Centro Oeste e de maior influência no Distrito Federal e região do entorno, conforme consta do *site* dos *Diários Associados*. Com base em pesquisa realizada no ano de 2010, o citado *site* revela o perfil<sup>1</sup> do público leitor do jornal.

**Figura 1:** Perfil do público leitor do *Correio Braziliense*

<p>Renda familiar mensal: R\$ 5.344,21, um considerável potencial de consumo.  De cada 10 leitores de jornal, 7 preferem o <i>Correio Braziliense</i>. São:  53% são homens;  47% são mulheres  13% têm de 15 a 19 anos de idade  29% têm de 20 a 29 anos de idade  25% têm de 30 a 39 anos  16% têm de 40 a 49 anos  17% têm mais de 50 anos  69% são classe AB  28% são da classe C  4% são da classe D  30% têm Ensino Médio completo  26% têm Ensino Superior completo</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**Fonte:** [http://www.diariosassociados.com.br/home/veiculos.php?co\\_veiculo=25](http://www.diariosassociados.com.br/home/veiculos.php?co_veiculo=25).

Pela leitura dos dados é possível depreender que o público-alvo do jornal é a classe média, com idade a partir de 15 anos, entretanto a maior concentração de faixa etária se dá entre 20 e 39 anos. Dos dados divulgados, dois fatos chamam a atenção, a referência ao “considerável potencial de consumo”, que sinaliza uma informação positiva na visão do produtor da mensagem, e a omissão do público leitor cuja escolaridade é inferior ao ensino médio, o dado desprezado parece indicar uma informação negativa. Somando os percentuais de cada categoria tem-se: categoria de gênero: 100%; faixa etária: 101% (aqui ocorreu um desvio); classe social: 100%; e escolaridade: 56% (omissão do considerável percentual de 44%).

<sup>1</sup> Fonte utilizada pelos *Diários Associados*: “Estudos EGM Marplan – Outubro/09 a setembro/10 – 2010 – Brasília, DF, Filtro: 10 + anos e \* 13 + anos.

No jogo da relação de poder, a ideologia do jornal já se manifesta no momento em que valoriza um dado e omite outro. Esse achado indica a quem o jornal se dirige e qual o seu posicionamento ideológico em relação à luta de classes e à construção da cidadania.

Para Thompson (2011), a ideologia indica as relações desiguais de poder e está a serviço das relações de dominação. Rocha (2012), ao citar Hodge e Kress (1998), evidencia uma das facetas das formas utilizadas pela classe dominante para estabelecer e sustentar as relações de dominação.

Os mesmos autores afirmam que, para sustentar as estruturas de dominação, o grupo dominante tenta representar o mundo de maneira a refletir seus interesses, os interesses pelo poder. Ainda, segundo eles, esse grupo mantém laços de solidariedade que são a condição de sua dominação. (ROCHA, 2012, p. 88).

Ao valorizar o potencial de consumo do seu público leitor, o jornal assume uma posição favorável a esse segmento social e, assim, buscará construir significados que lhes são favoráveis.

### **3 MANCHETE, SUBTÍTULO/ANTETÍTULO, IMAGEM E REPRESENTAÇÃO**

Dentre os principais elementos que compõem a matéria jornalística, revestem-se de principal importância para este estudo as manchetes, os subtítulos/antetítulos e as imagens. Dada à sua saliência na composição do texto jornalístico, esses elementos atraem o olhar dos/as leitores, configurando-se, assim, em primeira, e, muitas vezes, única, leitura. Nesse sentido, Rocha (2012), citando Kress e van Leeuwen (1996), assevera:

Para qualquer leitor, a fotografia ou a manchete podem ser o ponto de partida da leitura. A hipótese dos autores é a de que a rota de leitura mais plausível é a que o leitor começa a olhar a foto, e daí recomeça pela direita ou pela esquerda, da manchete para a foto, depois, opcionalmente, muda para a mancha gráfica. (ROCHA, 2012, p. 222).

As linguagens verbal e a não verbal, produtivamente utilizadas no domínio discursivo jornalístico, são recursos que se complementam para a construção de significados. A essa estratégia de composição textual, largamente explorada na pós-modernidade, em decorrência dos avanços tecnológicos, dá-se o nome de multimodalidade. Esta se caracteriza por representar as manifestações sociais e culturais mediadas pela linguagem por meio de gêneros textuais que, para produzir sentido, articulam palavras, imagens, sons, tipos e tamanhos variados de letras. O

atual contexto sociocultural exige, cada vez mais, a exploração de recursos semióticos para a produção de significados. No texto jornalístico, a multimodalidade é particularmente explorada, não raro de forma ideológica, na elaboração de manchetes, subtítulos e imagens, com a finalidade de construir significados e representações a serem capturados, de forma imediata, pelos/as leitores/as.

Destinada a atrair a atenção dos/as leitores/as, a manchete jornalística é o título da notícia principal e situa-se na primeira página de cada edição do jornal. Por esse motivo, a tipografia é propositalmente destacada. Além da manchete principal, há ainda as manchetes, ou títulos, de cada caderno, de cada página e de cada seção. Já o subtítulo e o antetítulo destinam-se a complementar a informação do título e provocar a leitura do texto. O subtítulo (mais usual que o antetítulo) é inserido após a manchete e o antetítulo a antecede. No jargão jornalístico brasileiro<sup>2</sup>, o subtítulo é, também, denominado *sutiã*, *linha fina*, ou *linha de apoio* e o antetítulo, *chapéu ou cartola*. A imagem, por sua vez, é a representação visual de um objeto. Segundo Santos (2010, p. 118), “a imagem pode ser considerada uma mediadora entre o indivíduo e o mundo externo e tem o papel, juntamente com a escrita, de esclarecer a comunicação entre os homens da sociedade na qual está inserida.” Ao citar Kress e van Leeuwen (1996), o autor acrescenta que a imagem deve integrar o texto escrito e estimular o/a leitor/a a compreender a ideologia subjacente. Os jornais utilizam formas variadas de imagens, como, por exemplo, gravuras, desenhos, gráficos, fotografias, pinturas, etc. Para o propósito deste estudo, foram selecionadas as matérias nas quais a imagem utilizada é a fotografia.

Por oportuno, cabe aqui melhor entendimento acerca do significado de representação. De acordo com Nicola Abbagnano, em seu “Dicionário de Filosofia” (2007), o vocábulo “representação” tem sua origem no latim medieval e significa imagem ou ideia. É em Okham, filósofo escolástico inglês, que o autor vai buscar os principais sentidos para a ideia de “representar”.

‘Em primeiro lugar, designa-se com este termo aquilo por meio do qual se conhece algo; nesse sentido, o conhecimento é representativo, e representar significa ser aquilo com que se conhece alguma coisa. Em segundo lugar, por representar entende-se conhecer alguma coisa, após cujo conhecimento conhece-se outra coisa; nesse sentido, a imagem representa aquilo de que é imagem, no ato de lembrar. Em terceiro lugar, por representar entende-se causar o conhecimento do mesmo modo como o objeto causa o conhecimento’ (Qiiodl., IV, q. 3). No primeiro caso, a R. é a idéia no sentido mais geral; no segundo, é a imagem; no terceiro, é o próprio objeto (ABBAGNANO, 2007, p. 853).

---

<sup>2</sup> Disponível em < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Diagramacao>>. Acesso em: 20 set. 2016.

Vê-se, então, que apenas a leitura de manchetes, de imagens e de subtítulos e de antetítulos é suficiente para construir uma representação significativa para o/a leitor/a. Sabendo disso, e sem imparcialidade, a imprensa investe nesses mecanismos para atrair a atenção de clientes com a finalidade de vender o seu produto e a sua ideologia e, assim, sustentar relações de poder.

Uma vez situado o nosso objeto de análise, os objetivos e os elementos operacionais, procederemos, no próximo tópico, a análise do corpus.

### 4 ANÁLISE DO CORPUS

A seguir analisaremos duas reportagens publicadas pelo *Correio Braziliense* no início de 2013 e de 2015. A primeira (Figura 2) aborda o uso da tecnologia no ensino privado e no público, bem como o reflexo no desempenho dos/as estudantes. A segunda (Figura 3) trata do ingresso dos/as alunos/as, oriundos da rede pública, na Universidade de Brasília pelo sistema de cotas sociais.

Figura 2: Reportagem

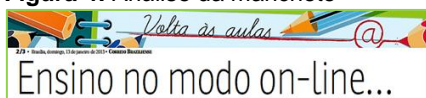


Fonte: *Correio Braziliense*, Suplemento "Volta às aulas", 13 jan. 2013, p. 2/3.



#### 4.1.1 Manchete

**Figura 4:** Análise da manchete



**Fonte:** *Correio Braziliense*, Suplemento "Volta às aulas", 13 jan. 2013, p. 2.

**Figura 5:** Análise da manchete



**Fonte:** *Correio Braziliense*, Suplemento "Volta às aulas", 13 jan. 2013, p. 3.

Basta uma rápida olhada nas Figuras 4 e 5 para percebermos que se trata de lados opostos de uma mesma realidade. No primeiro fragmento da manchete, Figura 4, “Ensino no modo *on-line*...” é possível depreender que está implícito outro modo de ensinar. A resposta vem na página seguinte (Figura 5), “... E no modo *off-line*”.

De acordo com o “Dicionário Houaiss da língua portuguesa”, os vocábulos *on-line* (Figura 4) e *off-line* (Figura 5) são de origem inglesa e do domínio discursivo da informática.

**On-line** -\ʼAn ˈlajn\ [ing.] *apos.* (1950) *inf* **1** conectado direta ou remotamente a um computador e pronto para uso (diz-se de sistema, equipamento ou dispositivo) **2** disponível para acesso imediato por um computador <*jornal o.*> <*arquivo o.*> □ *adv.* **3** entre ou em conexão com (sistemas de processamento e/ou transmissão de dados).

**Off-line** - ˈɒf lajn\ [ing.] *adv.* (1925-1930) *inf* **1** sem conexão a um computador associado □ *adj.2g.2n.* **2** *inf* que não está conectado a um computador ou que não pode ser us. em um dado momento [...] **3** *inf* que não pode ser acessado por um computador, num determinado momento [...] (HOAIISS ELETRÔNICO, 2009).

Em tradução livre da partícula “on” (do inglês) para o português, temos o advérbio de lugar “dentro”, “para dentro”, “ligado”. A partícula “off”, também advérbio de lugar, significa “fora”, “para fora”, do “lado de fora”, “desligado”.

Com relação ao sentido das palavras, Fairclough (2016), na sua concepção tridimensional, no âmbito da análise do texto, trata da “relexicalização”, como sendo uma forma alternativa de “ressignificar” os vocábulos, atribuindo-lhes um cunho ideológico. O autor acrescenta que a facilidade de se obter a aceitação para uma nova significação das palavras é uma forma de hegemonia.

Hegemonia é liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade. Hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais, em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingindo senão parcial e temporariamente, como um ‘equilíbrio instável’ (FAIRCLOUGH, 2016, p.127).



Ao se constituir pelo jogo de forças, no campo das relações sociais, para se estabelecer e se realizar à custa da dominação, a hegemonia tem na sua base a ideologia. Para Thompson (2011. p. 76), “a ideologia mostra como o sentido é utilizado para sustentar relações de dominação”. Com esse entendimento, torna-se clara a “relexicalização” dos vocábulos *on-line* e *off-line* que, de um lado, aponta para os/as alunos/as “conectados/as” e incluídos/as, de outro, para os/as “desconectados/as” e excluídos/as. Pode-se, então, entender que o sentido, nesses casos, extrapola o domínio discursivo da informática para adentrar uma seara ideológica e econômica. Vale lembrar que a reportagem foi publicada quando as matrículas nas escolas particulares estavam abertas e, ainda, num domingo, dia em que o número de leitores/as é significativamente superior aos outros dias. Não por acaso, vê-se a propaganda de uma escola privada (figura 2) logo abaixo da matéria.

Digno de nota, também, são as reticências.

**Reticências** – denotam interrupção ou incompletude do pensamento (ou porque se quer deixar em suspenso, ou porque os fatos se dão com breve espaço de tempo intervalar, ou porque o nosso interlocutor nos toma a palavra), ou hesitação em enunciá-lo (BECHARA, 2009, p. 608).


O uso das reticências entre uma página e outra, entre uma parte da manchete e a outra, sinaliza mais que um espaço intervalar, parece sugerir a ausência de uma ponte entre um modo “on” e um modo “off” de ensinar e, por extensão, a modos diferentes de ser e de estar no mundo.

Diz a manchete que há dois modos de ensinar: um “modo on-line...” e um “...modo off-line”. A questão que se coloca é: a quem se destina cada um desses modos de ensino. Os subtítulos e o antetítulo não deixam dúvidas.

#### 4.1.2 Subtítulo

**Figura 6:** Análise dos subtítulo

Pesquisa mostra que 82% dos alunos fazem pesquisas escolares pelo computador. Saiba como aproveitar, ao máximo, o ambiente digital



Breno Fortes/CB/D'A Press - 26/11/12

**Escolas particulares**

- > 36% dos docentes utilizam as tecnologias nas aulas expositivas. Em interpretação de texto, a diferença é de 10 pontos percentuais entre escolas privadas e públicas, com 26% e 16% respectivamente.
- > 48% dos professores utilizam computador e internet no laboratório de informática, sendo este o local mais frequente para realização das atividades com os alunos para 34% dos educadores.
- > 21% das escolas particulares possuem computadores instalados em sala de aula, proporção cinco vezes maior que os 4% das escolas públicas.

**Fonte:** *Correio Braziliense*, Suplemento "Volta às aulas", 13 jan. 2013, p. 2.

Na Figura 6, o subtítulo refere-se às escolas particulares e está dividido à esquerda e à direita da imagem. À esquerda, o tamanho da letra é significativamente superior ao da direita e ao, do corpo da matéria. Dados estatísticos são utilizados para dar credibilidade à informação, esta, por sua vez, destaca o poder econômico-social dos/as estudantes “*on line*” mediante o elevado índice de alunos com acesso ao computador. Evidencia-se, portanto, a importância e a individualidade do/a estudante. Nota-se, ainda, a “simpática” promessa de oferecer dicas para aperfeiçoar os estudos no ambiente virtual. À direita da imagem, os dados destinam-se a informar o empenho dos docentes e das escolas particulares na utilização dos recursos tecnológicos, com vistas à melhoria dos resultados. Os dados referentes à escola pública são utilizados com a intenção de marcar a superioridade do ensino privado sobre o ensino público.

**Figura 7:** Análise de subtítulo

**Escolas públicas**

- » 77% dos professores passam exercícios para prática do conteúdo exposto em sala de aula como atividade de maior frequência. Porém, essa é uma das situações em que eles menos utilizam tecnologias: apenas 21%.
- » 65% dos docentes usam novas tecnologias para ensinar os alunos a usar o computador e a internet.
- » 86% das escolas têm computadores somente nos laboratórios de informática e não nas salas de aula, o que pode limitar a integração das tecnologias no processo pedagógico.

**Fonte:** *Correio Brasileiro*, Suplemento “Volta às aulas”, 13 jan. 2013, p. 3.

Conforme se observa, o subtítulo da Figura 7 refere-se às escolas públicas e limita-se a informar os dados referentes à ínfima utilização das tecnologias pelas escolas e pelos docentes, sem qualquer referência aos/às estudantes. Chama a atenção o elevado índice de 65% de utilização da tecnologia para ministrar aulas de informática. Isso aponta para a exclusão digital dos estudantes e para a pouca eficácia dos laboratórios de informática nas escolas públicas, pois, de acordo com os dados, o laboratório é utilizado para aulas de informática e pouco utilizado para enriquecer o processo pedagógico.

As análises da manchete e do subtítulo, até aqui realizadas, serão retomadas e complementadas a seguir em conjunto com a análise das imagens.

### 4.1.3 Imagem

Na multissemiótica do texto, a imagem é o elemento de forte apelo visual que, de imediato, captura o olhar do leitor. Kress e van Leeuwen (2006, *apud* ALMEIDA, 2012) defendem a ideia de que por trás da imagem há uma sintaxe que a estrutura e a organiza. Os autores apoiam-se na contribuição da linguística, por meio da Gramática sistêmico-funcional de Halliday, para teorizar acerca de uma gramática visual. Para tal, eles partem do princípio de que, assim como no texto verbal, há uma sintaxe, na composição das imagens, que produz uma significação que se insere em um determinado contexto cultural e situacional.

Conforme os autores, os participantes podem ser analisados em três dimensões significativas: representacional, interacional e composicional. Na primeira o exame se dá a partir dos processos: conceitual, centrado no estudo de estruturas analíticas, classificacionais e simbólicas; narrativo cujo foco é a ação; e verbal e/ou mental, representado por balões que traduzem falas ou pensamentos dos participantes. Na segunda, o foco é a interatividade entre a composição imagética e o observador-leitor. Finalmente, na terceira, tem-se a articulação entre os elementos internos para formar um todo representativo.

Com base nos estudos de Kress e van Leeuwen, passemos, então, à análise das imagens.

**Figura 8:** Análise da imagem

**Ensino no modo on-line...**

Daqui Futuro/CS/O.A.Press - 26/1/12

Pesquisa mostra que 82% dos alunos fazem pesquisas escolares pelo computador. Saiba como aproveitar, ao máximo, o ambiente digital

» VERÔNICA MACHADO

**A** internet e os aparelhos eletrônicos já invadiram o cotidiano de crianças e jovens — e estão ocupando de vez as salas de aula. O jeito de aprender mudou: os estudantes têm acesso — com um arrastar de dedos na tela — a um mundo de informações que, às vezes, nem o professor sabe. Há, agora, um compartilhamento de dados, histórias e curiosidades em que o educador precisa apenas orientar. Os pais também devem ficar atentos com o lado bom e ruim do acesso dos filhos ao ilimitado ambiente tecnológico. No início do ano letivo, vale ter o



**Escolas particulares**

- » 36% dos docentes utilizam as tecnologias nas aulas expositivas. Em interpretação de texto, a diferença é de 10 pontos percentuais entre escolas privadas e públicas, com 26% e 36% respectivamente.
- » 48% dos professores utilizam computador e internet no laboratório de informática, sendo este o local mais frequente para realização das atividades com os alunos, para 34% das educadoras.
- » 20% das escolas particulares possuem computadores instalados em sala de aula, proporção cinco vezes maior que os 4% das escolas públicas.

65% dos docentes utilizam tecnologias para ensinar os alunos a usar as máquinas.

**Conectados**

Laís Campos, 16 anos, cursa o 2º ano do ensino médio em uma escola particular em Sobradinho e acredita que a parceria entre tecnologia e educação ficará cada vez mais forte. Ela tem o próprio notebook, o qual sempre ajuda a acompanhar as aulas conectada. O colégio libera o equipamento contanto que seja para pesquisas e apresentações de trabalhos, pois tem projetor nas salas de aula. "Em matérias como história, em gesto de anotar as explicações no meu computador ou

importante unir tecnologia a educação pelas informações rápidas e pela facilidade de ter acesso a vastos conteúdos. O especialista em informática na educação Lúcio Teles acrescenta: "No passado, era fundamentalmente memorizar e anotar; hoje, vale a maneira como se obtém a informação ou como usar o buscador para encontrar antigos interesses", exemplifica. Ele acrescenta que jovens e crianças estão mais autônomos e andam com cérebros portáteis o tempo todo, como os tablets e smartphones, em que consultam datas de aniversários, dados da escola, e interagem. Teles ressalta que as escolas não estão preparadas para re-

» Laís, aluna de escola particular em Sobradinho: notebook como aliado

**Fonte:** *Correio Braziliense*, Suplemento "Volta às aulas", 13 jan, 2013, p. 2.

Ao observarmos a Figura 8, chamam-nos a atenção a manchete e a fotografia. Esses dois elementos produzem um primeiro significado, dessa forma, antecipam a matéria e a ideologia subjacente. O olhar da aluna convida o observador à interação. Em resposta a esse olhar dá-se o contato. O que se vê? O foco principal incide sobre a personagem e seu computador, porém maior, saliência é dada àquela que aparece em primeiro plano. Segundo Kress e van Leeuwen (2006, *apud* Almeida, 2012, p. 310), “quando o participante é retratado em *plano fechado* e sua expressão facial é capturada, nos tornamos mais familiarizados com ele.” O contraste e a luminosidade, aliados ao primeiro plano da imagem e ao olhar da participante, revelam a jovem bonita, bem cuidada, sorridente, feliz e em relação de proximidade, de igualdade e de intimidade com o/a observador/a. Ressalta-se que a legenda da imagem identifica a jovem e seu *status* de estudante de escola particular, bem como a importância do *notebook* para a sua aprendizagem.

Em segundo plano, vê-se o *notebook* sendo segurado pela estudante, o que revela a ideia de posse. É possível observar que o equipamento está ligado, a luminosidade, neste plano, direciona o foco para o teclado e para os ícones. Até este ponto, é possível construir significados mediante a seguinte associação de ideias: aluna + classe média (o relógio, a posse do *notebook* as unhas pintadas, são símbolos que reforçam essa ideia) + feliz (sorriso e brilho do olhar) + conectada (computador, ícones, manchete).

A menor saliência dada à carteira escolar e à caneta coloca esses elementos em terceiro plano e, conseqüentemente, em menor grau de importância. A saliência é suavizada pela neutralidade da cor branca da carteira e pela frieza da cor azul da caneta. Em último plano, tem-se o ambiente da sala de aula, propositalmente apagado. A suavização e o apagamento do ambiente sinalizam que o “modo *on-line* de ensino” vai além da caneta, da carteira e do espaço da sala de aula, ou seja, transporta o/a estudante para outros universos do conhecimento.

Outras perguntas se colocam: o que essa imagem revela e o que ela esconde (vela)? Quais são os valores embutidos? Revela, em primeiro plano, a pessoa e a sua posição de destaque na sociedade que, do seu lugar de fala, no modo de ensino que lhe é “merecidamente” oferecido, exhibe o sucesso para pessoas igualmente bem sucedidas (o leitor). Em segundo plano, vela o espaço da sala de aula, ao mesmo tempo em que revela que esse espaço limitado é muito pouco para pessoas da categoria da personagem representada.

É importante retornarmos à manchete e, mais uma vez, voltarmos nossa atenção à importância das reticências para a construção do significado, desta vez em articulação com a fotografia. Ao final da manchete, as reticências sinalizam que há “um depois”, “um lado de lá” separado pela linha divisória entre as páginas do tabloide. Do lado “*on-line* de ensinar” estão posicionados os/as estudantes iluminados, felizes, alegres, comunicativos, bem sucedidos, conectados, o tempo todo, com os mais sofisticados recursos, ferramentas e materiais de estudo e de pesquisa.

Com a estratégia de composição adotada, o jornal mostra a classe média como ela gosta de ser representada, ou seja, o centro das atenções, capaz das melhores escolhas.

Isso é associado com uma tendência dos fornecedores de notícia para agirem como ‘mediadores’, figuras que cultivam “características que são consideradas típicas da audiência alvo” e uma relação de solidariedade com essa audiência suposta, e que podem mediar os eventos dignos de serem notícias para a audiência nos termos de seu próprio ‘senso comum’ ou numa versão estereotipada disso (HARTLEY, 1982, p. 87 *apud* FAIRCLOUGH, 2016, p.149).

Portanto, ser bem sucedido e capaz das melhores escolhas são “características típicas” que identificam o contexto representado na Figura 8 à “audiência alvo” do jornal. Essa representação só faz sentido para os representados porque se contrapõe aos não representados. Trata-se aqui de diferença de identidades. Da Silva (2009) afirma que identidade é aquilo que sou e diferença é aquilo que o outro é. Para o autor, identidade e diferença resultam da criação linguística, pois são criadas no ato da linguagem e no contexto das relações sociais, portanto sujeitas à relação de poder. Nesse sentido, o autor assim se posiciona:

Podemos dizer que onde existe diferenciação – ou seja, identidade e diferença – aí está presente o poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. Há, entretanto, uma série de outros processos que traduzem essa diferenciação ou que com ela guardam uma estreita relação. São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós” e “eles”); classificar (“bons e maus”; “puros e impuros”; desenvolvidos e primitivos”; “racionais e irracionais”); Normalizar (“nós somos normais; eles são anormais”) (Da SILVA, 2009, p.81-82).

Do ponto de vista do jornal, a fotografia da Figura 9, a seguir, mostra o outro da relação, isto é, o diferente, conforme afirma Da Silva (2009).

Figura 9: Análise da imagem



Fonte: *Correio Braziliense*, Suplemento "Volta às aulas", 13 jan, 2013, p. 3.

Na composição vê-se, à esquerda da imagem, a manchete e o corpo da matéria; na parte superior direita, a fotografia do estudante; e mais à direita, à margem, a legenda contendo o nome do aluno, o seu "status" de estudante de escola pública e a informação de que "computador só em *lan house*". Não por acaso a legenda foi inserida à direita da imagem, quase saindo da página, de forma a atribuir menor importância ao estudante. Chama a atenção a utilização de dois pontos após a identificação do participante e o seu vínculo com a escola pública. Uma vez mais, a pontuação é utilizada de forma sugestiva para a construção do significado. Dentre outras utilizações dos dois pontos, Bechara (2009, p. 611) assevera que é utilizado nos casos de "enumeração, explicação, **notícia subsidiária**" (grifo meu) e acrescenta em nota de rodapé: "a imprensa moderna usa e abusa dos dois pontos para resumir, às vezes numa síntese de pensamento difícil de ser acompanhada, certas notícias". Nesse contexto, os dois pontos reforçam a pouca importância dada, pelo jornal, ao fato de o aluno, possivelmente pobre, ter dificuldade de acesso ao computador.

De acordo com Kress e van Leeuwen (2006, *apud* Almeida 2012), a informação conhecida (dada) posiciona-se à esquerda da composição imagética, já a informação nova posiciona-se à direita. No topo, situa a informação ideal e abaixo, a informação prática. Essa estrutura visa induzir o/a observador/a a considerar o significado da informação apresentada como compartilhado por todos/as. Os autores chamam a atenção para o caráter ideológico da proposição.

[...] essa estrutura dado-novo é ideológica, na medida em que pode não ser considerada como tal pelo leitor real, mas é apresentada “como se tivesse esse status ou esse valor para o leitor”, e, por isso, os leitores “devem lê-la dentro dessa estrutura, mesmo se essa avaliação for depois rejeitada por algum leitor em particular” (Kress e van Leeuwen 2006, p. 181, *apud* LIMA DA SILVA, 2012, p. 381).

Isto posto, depreende-se que a situação nova, aquela que desperta a atenção, centra-se no aluno, no ambiente que o envolve e na sua identidade. O posicionamento da imagem à direita, aliado ao tamanho (significativamente menor que a imagem da Figura 8), evidencia um conteúdo de cunho ideológico que confere ao aluno da escola pública um grau de importância inferior ao que se atribui à aluna da escola particular. Em primeiro plano, vê-se o estudante, fotografado de cima para baixo, de forma ligeiramente oblíqua, até a altura do joelho. Essa perspectiva confere ao representado uma espécie de apequenamento que reduz o seu valor e evidencia a distância social entre ele e o/a observador/a. A maior luminosidade incide sobre o uniforme, sobre os braços e sobre o rosto, dando-se destaque à escola pública e à cor da pele do aluno, em uma associação nada ingênua. Uma sombra paira sobre os olhos, resultado da postura ligeiramente de perfil. O olhar sem luz cria uma impressão de desesperança. Neste plano é possível associar: aluno + escola pública + negro + inferior + desencanto.

Em segundo plano, vê-se o ambiente do laboratório de informática da escola. Ao contrário da Figura 8, na qual o ambiente escolar é apagado, destacando a individualidade da estudante, aqui ele se faz presente na vida do aluno, mas este parece estar ausente, pois está de costas para os computadores que supostamente o conectariam com outro modo de aprender. Dos computadores visíveis, atrás do estudante, é possível perceber que um deles está ligado, contudo só se vê luzes difusas, azul e branca, no monitor, não está conectado. Confirma-se, dessa forma, a manchete: “ensino no modo *off-line*”. A legenda aponta o caminho para os/as estudantes da escola pública, a *lan house*. A seta antes do nome do participante cumpre o papel de empurrá-lo para a margem.

Em síntese, a imagem revela que não há identificação entre o “modo *off-line*” de ensinar e o público-alvo do jornal. Nesse modo de ensino, os estudantes são vistos como pobres, negros, desconectados, desinteressados e desamparados, inclusive pelo Estado, portanto socialmente distantes dos alunos que se enquadram no “modo *on-line* de ensino”. Eles/as, os/as estudantes das escolas públicas, são os “outros” da relação, “os excluídos”, “os que não pertencem” conforme anuncia Da

Silva (2009, p. 81). Para o autor, “o poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes”. Hall (2001, p.12), na sua concepção sociológica de identidade, afirma que a identidade é construída na interação entre o eu e a sociedade. Nessa interação, a troca entre o mundo interior e o mundo público faz com que os valores e significados culturais sejam, ao mesmo tempo, projetados e incorporados, ocorrendo o que o autor chama de “sutura”, ou seja, muitas vezes o sujeito acaba incorporando os valores do mundo cultural que habita, entendendo-o como justo e natural.

Não se pode esquecer que a sociedade é eivada de ideologia e nessa “sutura” de que fala Hall (2001) a ideologia é incorporada pelo sujeito. Ao tratar da teoria consensual da reprodução social, Thompson ressalta uma concepção específica de ideologia.

Em virtude da presença onipresente da ideologia dominante, os indivíduos de todas as camadas sociais são incorporados a uma ordem social que está estruturada de maneiras desiguais. É a penetração da ideologia dominante que explica – é assim que segue a argumentação – tanto a facilidade com que os grupos dominados aceitam essa dominação. A ideologia dominante é um sistema simbólico que, ao incorporar as pessoas de todos os estratos à ordem social, ajuda a reproduzir a ordem social que serve aos interesses dos grupos dominantes (THOMPSON, 2011, P. 122).

Thompson afirma que a ideologia é um sistema simbólico. Para Bourdieu (2010), o sistema simbólico é formado pela língua, pela arte, pela ciência e pela religião, são, portanto, sistemas de conhecimento responsáveis pela construção do mundo e dos objetos como formas simbólicas. Tal sistema produz o que Bourdieu denominou de poder simbólico que se caracteriza pela invisibilidade,

é necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo que o exercem (BOURDIEU, 2010, p. 7 - 8).

Assim, parece natural o jornal contribuir para reforçar a fortalecer a dominação de uma classe sobre a outra, fomentando a violência simbólica ao mostrar e validar, como se fosse natural e justo, os mundos das diferentes classes sociais. Ao mesmo tempo em que defende os interesses da classe dominante, o jornal defende, sobretudo, os próprios interesses.

Nessa perspectiva, conclui-se que o texto de abertura do ano letivo de 2013, do *Correio Braziliense*, que trata do “modo *on-line*” e do “modo *off-line*” de



ensino, não tem, de forma alguma, a intenção imparcial de informar. Por trás da suposta informação, camufla-se o poder invisível cunhado por Bourdieu.

No tópico que se segue, analisaremos a visão do jornal em relação ao ingresso dos/das estudantes de escolas públicas na Universidade de Brasília pelo sistema de cotas sociais.

## 4.2 Cotas sociais

No início de 2015, o *Correio Braziliense* publicou a matéria cuja manchete, intitulada “O impacto das cotas sociais”, possibilita inferir que os/as estudantes de escola pública ingressam na Universidade de Brasília graças às cotas sociais. A composição multimodal do texto não nega a intenção do emissor em sustentar a relação de dominação mediante a construção, a representação e a difusão de identidade social negativa do/a estudante de escola pública, conforme se evidencia na análise da Manchete, do antetítulo e da imagem.

### 4.2.1 Manchete e antetítulo

**Figura 10:** Análise da Manchete, do antetítulo



**Fonte:** *Correio Braziliense*, 21 fev. 2015, p. 22.

Na composição da matéria (Figura 10), quando se lê a manchete “O impacto das cotas sociais”, combinada com as duas últimas orações do antetítulo, “suprir deficiência da rede pública” e “Reitor da UnB aponta mudança no perfil dos estudantes”, sem deixar de considerar a imagem, o leitor constrói, ainda que inconscientemente, pressupostos que o induzem a atribuir e a concordar com o

sentido ideológico pretendido. Ou seja, as cotas sociais, para alunos/as da rede pública, geralmente negros/as, têm provocado mudança (entenda-se para pior) no perfil dos estudantes da UnB, antes predominantemente brancos/as, classes A e B. Essa estratégia discursiva tem, subliminarmente, o propósito de naturalizar práticas sociais discriminatórias. Ao analisarmos a dimensão textual da manchete, percebemos que se trata de frase nominal, cujo tema<sup>4</sup> é “impacto<sup>5</sup>”. Tal escolha cumpre, minimamente, dois objetivos de caráter ideológico: causar impacto no leitor, despertando-lhe um posicionamento que vai de encontro à nova realidade anunciada pelo rema<sup>6</sup>, isto é, a existência de cotas sociais. Assim como ocorre na voz passiva, a frase nominal muda a posição de agente e de objeto ou omite-os, a depender da intenção. No caso, ocorreu o deslocamento do vocábulo “impacto” para o início da frase com a finalidade de se obter o efeito ideológico esperado.

Na mesma direção, observa-se, na construção do antetítulo, a ocorrência da voz passiva em “tem levado alunos a procurarem cursos preparatórios”. Essa oração funciona como agente da passiva da oração anterior cujo tema é “aumento da dificuldade para entrar na Universidade de Brasília”. Nesse caso, percebe-se que alunos não são protagonistas de suas ações, sendo, portanto, assujeitados. A oração que se segue acrescenta a informação de que se trata de alunos de escola pública. O último período, composto de uma única oração – “Reitor da UnB aponta mudanças do perfil dos estudantes” – busca comprovar a ideia de que o ingresso de estudantes oriundos das camadas populares da sociedade, na UnB, muda o perfil dos estudantes. Trata-se de uma frase declarativa com o verbo no presente do indicativo, o qual confere um teor de autoridade à afirmação. Essa autoridade é reforçada pelo lugar de fala do Reitor da Universidade cujo discurso parece ser inquestionável. Assim, torna-se clara a intenção do produtor do texto em apontar a mudança de sujeitos sociais que passam a ingressar na universidade, e subliminarmente, o que isso representa para a sociedade do Distrito Federal.

---

<sup>4</sup> Tema: refere-se ao ponto de partida escolhido pelo produtor do texto. Equivale à situação dada, àquilo que já é consolidado como senso comum (FAIRCLOUGH, 2016).

<sup>5</sup> Impacto: lat. *impáctus, a, um* 'impelido contra'. Ato ou efeito de impactar; impacção; choque de um projétil ou de qualquer outro objeto com algo contra o qual foi lançado; colisão de dois ou vários corpos, com existência de forças relativamente grandes durante um intervalo de tempo muito pequeno. (HOUAISS ELETRÔNICO, 2009).

<sup>6</sup> Rema: parte final do enunciando, refere-se à informação nova (FAIRCLOUGH, 2016).

## 4.2.2 Imagem

Em articulação com a manchete, o subtítulo e o antetítulo, a imagem compõe a informação com a finalidade de atrair a atenção do leitor. Quanto maior for o valor dado à matéria, maior será o espaço utilizado pela imagem na página.

**Figura 11:** Análise da imagem



**Fonte:** *Correio Braziliense*, 21 fev. 2015, p. 22.

Ocupando um espaço considerável (Figura 11), a fotografia em análise tem o foco centrado na jovem estudante que se encontra sentada na grama, posicionada à direita do espaço imagético, configurando-se, dessa forma, em objeto a ser questionado.

Desse ponto de vista, observa-se o apagamento do plano de fundo, estratégia que desloca a estudante de seu contexto, que não é o lar, nem a escola e nem a universidade. É a natureza que, por sua vez, parece ausente, conferindo à estudante uma impressão de abandono. Esse efeito é potencializado pelo olhar oblíquo da participante, que, sem interagir com o observador, parece perdida e apresenta-se a ser observada, numa atitude de completo distanciamento social.

Não podemos deixar de considerar a construção da identidade social que, segundo o emissor, altera o perfil dos/das estudantes da UnB. As expressões “cotas sociais” e “mudança de perfil”, da manchete e do antetítulo, aliadas à imagem de uma estudante afrodescendente, sintetiza, com forte carga de preconceito, a identidade dos estudantes que ingressam na universidade pelo sistema de cotas sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise crítica realizada nas duas reportagens publicadas pelo *Correio Braziliense*, sobre o ensino nas instituições públicas e privadas, permitiu verificar que tais matérias constroem uma identidade social desfavorável à autoestima dos estudantes de escola pública do Distrito Federal. Os elementos utilizados para atrair a atenção do público leitor articulam-se de forma produtiva, no sentido de construir, reforçar e manter situações de opressão, bem como de perpetuar a ideologia dominante.

Sob o olhar do jornal em comento, estudantes de escolas públicas são representados como desinteressados/as e não merecedores/as de uma escola pública de qualidade, sendo, eles/as mesmos/as, responsáveis pela própria exclusão social. Já estudantes de escolas particulares, sob esse mesmo olhar, são representados/as na condição de merecedores/as de uma educação de qualidade.

Assim como estudar ou ter estudado em escola pública, a cor negra da pele é representada como marca de uma identidade social negativa, pois é associada, subliminarmente, à pobreza e à exclusão (“*off-line*”; “computador só em *lan hause*”; imagem da estudante negra com olhar perdido, perdida em uma natureza apagada). Dessa forma, na visão do jornal, os/as estudantes, oriundos da escola pública, majoritariamente negros/as, mudam o perfil dos/as alunos/as da Universidade de Brasília onde têm acesso graças às cotas sociais.

Pelas análises realizadas, comprovamos que jornais, como o *Correio Braziliense*, mediante práticas discursivas atreladas a interesses hegemônicos da ideologia dominante, constroem sentidos capazes de favorecer determinados indivíduos em detrimento de outros. Tais práticas devem ser denunciadas e desnaturalizadas. A Análise do Discurso Crítica contribui, sobremaneira, para o desvelamento dessas práticas discursivas ideológicas destinadas a reforçar e manter relações de dominação.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Brasil: Martins Fontes, 2007.
- ALMEIDA, D. B. L. Refazendo os percursos da gramática visual. In: SOUZA, M. et al. (Orgs.) **Sintaxe em foco**. Recife: PPGL/UFPE, 2012.
- ALCÂNTARA, Manoela; CABRAL, Alvim. O impacto das cotas sociais. **Correio Braziliense**. Brasília, 21 fev. 2015. Cidades, p. 22.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 13. ed, Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2010.
- DIAGRAMAÇÃO. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Diagramacao>>. Acesso em: 20 set. 2016.
- DIÁRIOS ASSOCIADOS. Disponível em <[http://www.diariosassociados.com.br/home/veiculos.php?co\\_veiculo=25](http://www.diariosassociados.com.br/home/veiculos.php?co_veiculo=25)>. Acesso em 12 set. 2016.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UNB, 2016.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011.
- HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 1.0. 1 [CD-ROM]. 2001.
- LIMA DA SILVA, Nadiana. A função composicional em enquetes do CQC. In: SOUZA, M. et al. (Orgs.) **Sintaxe em foco**. Recife: PPGL/UFPE, 2012.
- ROCHA, Harisson da. **Um novo paradigma de revisão de texto: discurso, gênero e multimodalidade**. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2012.
- SANTOS, José Miguel dos. A influência da diagramação e da manipulação de imagens na leitura. In: VIEIRA, J.A. et al. (Org.). **Discurso nas práticas sociais: perspectivas em multimodalidade e em gramática sistêmico-funcional**. São Paulo: Annablume, 2010.
- DA SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Tradução de Carmem Griscietalli. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.